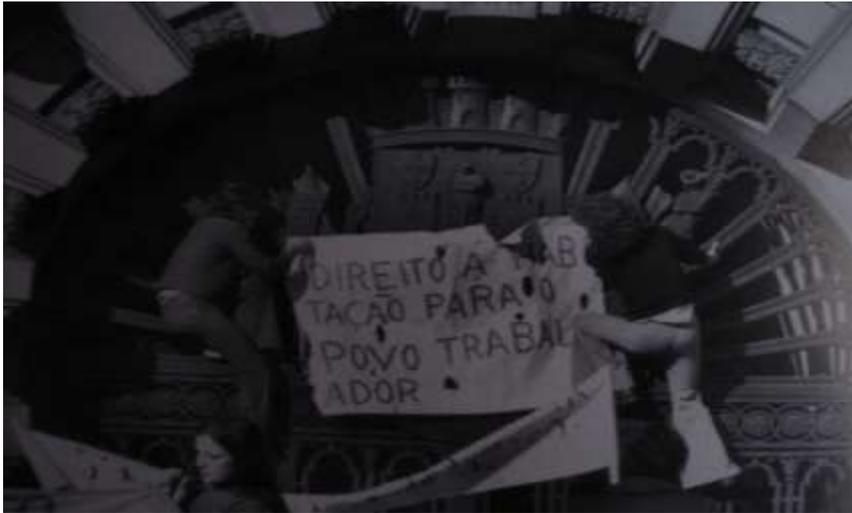


## EQUILIBRAR UMA BALANÇA DESEQUILIBRADA (também no Porto)



Caro Frederico Torre:

Atento ao que Frederico Torre descreve neste Blog sobre “Aqueles de nós que trabalhamos...”, sinto-me na obrigação de reflectir com quem queira neste Fórum sobre o assunto.

Como dizia o Arquitecto Fernando Távora: “ Na Arquitectura como na Vida, tanto é verdade uma coisa como o seu contrário...”. E assim, há muitas verdades. Eu tenho uma verdade, Frederico Torre terá outra verdade, Tiago Azevedo Fernandes aqui ao lado outra ainda. E todas serão seguramente verdade. A verdade de cada um.

1 - A minha verdade: Costumo ver a cidade e a sociedade sob um ponto de vista de Cidadão e de Arquitecto e com direito a opinião. Normalmente assumo opiniões Socialistas, oscilando naturalmente nas minhas muitas dúvidas e **quase nenhuma** certeza entre posições claramente Marxistas, outras vezes apenas (!) “Socialistas Democráticas”, para quem saiba o significado desta expressão. Eu próprio tenho ainda mais dúvidas..

Para mim, qualquer homem ou mulher que tenha a sorte de viver no lado “certo”(!) do planeta – ( Europa e Estados Unidos - o lado que conseguiu em cerca de 200 anos acumular uma riqueza incomensurável nunca suposta ou sonhada em centenas de anos de vivência humana...), qualquer um de nós tem o dever moral e ético de reduzir com algum do seu esforço e durante o seu/ nosso/ meu curto período de vida, as desigualdades que neste planeta único e redondo se distribuem com tanta igualdade. É verdade que a desigualdade está hoje mais do que nunca, tão bem distribuída. Há riqueza criada, sim senhor. E não é pouca. Também há pobreza criada, diga-se de passagem.

**2 - E não é pouca esta Pobreza.** Também no Porto como no mundo.

Porque será?

Este sistema económico não - Socialista gera riqueza e...voilà, gera pobreza...

Assim, Frederico Torre, é a classe baixa a grande responsável pela maioria dos impostos que chegam ao Estado (no Porto como no mundo), como é mais que evidente. Não só porque a Riqueza das empresas é gerada por quem nelas trabalha (óbvio, não é?). E portanto, a receita dos impostos pagos pela empresa ao Estado é gerada pelas mais-valias do trabalho que o trabalhador produz.

E com os impostos pagos por quem é dono dos meios de produção, idem-aspas em provavelmente 80%. Sem querer ser injusto, os outros 20% de impostos virão do “suor” dos gestores e conselheiros da administração.

Quanto aos impostos pagos pelo trabalhador, são a enorme maioria. E sim, classe média, baixa e alta pagam impostos. E assim terá que ser. O suposto subsidioidependentismo de que muitas vezes as classes mais baixas são acusadas ( nomeadamente a classe baixa enquanto desempregada) é algo que emana das suas próprias contribuições. O estado não está a fazer nenhuma caridade ao “dar” subsídios de desemprego.

É sempre dinheiro que vem “debaixo”. A pessoa pagou o seu próprio subsídio através do meio “impostos/ segurança social”.

**Agora, equilibremos então a balança desequilibrada.** Para se equilibrar uma balança desequilibrada é necessário aplicar uma força contrária ao seu desequilíbrio, não uma força horizontal.

Através das **políticas urbanas** (recuperação de um centro histórico como o Porto, incluído) podemos enquanto sociedade ser mais justos para com os nossos concidadãos, neste caso, os Portuenses. Intervir na cidade e recuperar o seu edificado para que as classes mais baixas tenham a sua habitação não é sequer um direito. **É UM DEVER.**

( Se se é Cristão é um dever Cristão. Se não se é Cristão é um dever igualmente...)

As casas servem para habitar. Ponto Final.

**Não para especular.**

O território, a terra é algo “sagrado”, chão a que todos temos direito.

**3 - Claro que as classes médias e altas têm à partida mais direitos que as baixas porque já têm dinheiro, logo já conseguem ter “escolha”. Coisa que as classes mais baixas não têm decerto, porque não têm dinheiro..logo, não têm escolha.**

**Equilibrar a balança desequilibrada...A favor de quem tem menos.**

O Porto é neste momento uma cidade a precisar de políticas Socialistas e com grande urgência.

Já tivemos e ainda temos centenas de pessoas a viver no interior dos quarteirões e escondidas do olhar de desprezo da classe média/alta em ilhas com 16 m2 cada casa ( cada família inteira lá dentro em 16 m2, todas estas famílias a pagar impostos, estão a ver?) . Nenhuma destas famílias tem dinheiro para ocupar um T1 de 250.000 euros no Quarteirão de Carlos Alberto.

Nem eu, que sou rico em comparação. Sou um privilegiado. Tenho a sorte de conseguir ocupar um T2 de 100.000 euros no Porto (em 2ª mão, de 1977), não tenho que me queixar...

Mas em contrapartida, aposto aqui neste blog que nem TAF, nem Frederico Torre, nem António Alves, nem Augusto Kuttner de Magalhães nem Augusta Dionísio terão 250.000 euros para dar por um T1 recuperado pela SRU na baixa do Porto.

Vamos então para Espanha? Pagar impostos em Espanha? É isso? Emigrar outra vez?

4 - Sou como milhares de jovens e menos jovens deste país, (uns licenciados, outros nem por isso,) uma pessoa que trabalha a “falso recibo verde”. Ou seja, sujeito a ficar de um dia para o outro sem trabalho e sem subsídio de desemprego ( apesar de ter as contribuições para a segurança social em dia, não temos os falsos recibos verdes este direito). Já pedi em várias circunstâncias a quem me paga um contrato.

Sem efeito. Essa coisa básica da civilização, o contrato parece uma Utopia...

Sem o tal “subsídiozinho, como sabemos, o Banco leva-me a casa sem pestanejar, como sabemos.

Assim é o Mundo, também no Porto...

**O Porto tem também dezenas de desempregados, uma economia em depressão, e não é com casas inacessíveis á maioria da população que se salvam economias.**

Perdemos o comboio de uma via “original e Democrática” “nossa e Portuguesa” para o Socialismo em 1975.

Eu nasci em 1975. Não sou um nostálgico de um tempo que não vivi. Mas tenho saudades do futuro. Também quero ter o direito a sonhar como a geração dos nossos pais teve direito. Em 1975 os Portuenses estavam (activamente) activos a construir casas e projectos com os Arquitectos da Escola do Porto. Bairro do Leal. Bairro da Bouça. Bairro das Antas. A habitação



partia do direito ao lugar. O direito á cidade. Ninguém era empurrado para a periferia. Os moradores eram e foram realojados onde já viviam e participaram nos próprios projectos. E eu sei por experiência (não tanta assim) que projectar colectivamente é ainda mais difícil. Obrigado, arquitecto Nuno Portas, então secretário de Estado da Habitação por ter criado a ideia do SAAL.. **Por ter ajudado a equilibrar a balança um pouco mais.**

Pedro Figueiredo, Arquitecto

